

Renascença

A Exposição dos Artistas Modernos Independentes— ou o que Almada e Semke fariam, se quisessem . . .

Visitamos curiosamente, com um certo alvoroço de definir ideias, essa Exposição de que esperávamos, dados os nomes dos expositores, o mal-necessário da irreverência em arte — irreverência que, quando é inteligente, é mais um grito de quem procura caminho do que uma contradição.

Fomos vê-la e, perdoem-nos a fraqueza... que desencanto!

Nós não queremos, nem de longe, atribuir aos concorrentes àquele certame a impossibilidade de fazer melhor. Qualquer dos subscritores daqueles pedaços de tela onde lançaram bizarras pinceladas sabe muito bem que aquele não é o caminho para as *Sabbats*, para as *Giocondas*, ou mesmo para as «ingênuas» de Greuze...

Qualquer dêles sabe que aquilo é um devaneio pictural, um capricho, uma fantasia, uma «coisa qualquer», mas não uma obra de arte, ou mesmo uma tentativa séria.

Se uma voz de feitiço lhes segredasse: «Tens aqui uma tela, pinta-a o melhor que sabes, que todo o teu «futuro» social daí depende» — êles tomariam um ar inteiramente diferente e, paleta na mão, produziriam — iríamos jurá-lo!... — coisa bem diversa!...

Mas qualquer dêles está convencido de que o incompreendido, o bizarro, o avêso é mais de meio caminho andado para o triunfo; e daí essa parada de incongruências e propositadas deformidades em que se não salva ninguém! Não se salva ninguém... E contudo Almada, se quisesse, iria na vanguarda da falange da boa pintura portuguesa contemporânea!... A sua *Sargaceira* parece estar a dizer-nos maliciosa: «Vocês estão a ver que quem faz isto podia muito bem fazer obra séria, no dia em que quisesse!... Êle está a brincar, a distrair-se!...»

Mas não é só a *Sargaceira* que nos brinda com esta confidência: as obras de Hein Semke insinuam-nos a mesma ideia!...

Ficamos a olhá-las vagamente perplexos ante êsse *constructivo*, cuja intuição artística parece sonâmbula dum sonho extraviado, em que a linha recta lança-se desafio ao delírio das formas anti-diluvianas! *Almada e Hein Semke*... o que os seus espíritos nos dariam, em ritmo e em beleza, se êles quisessem! Mas não querem...

Só uma pergunta, para terminar, uma pergunta simples, sem maldade: Sarah Afonso, você que é inteligente, que é artista e que é mãe, por que é que ao apresentar a sua *Paisagem do Minho* e o

seu *Carroussel*, não explicou que não tinha outra intenção, ao executar as duas telas, do que fazer duas garridas ilustrações ingênuas para o primeiro livro de contos do seu filho?!

Se o tivesse dito «salvava-se»... e com tôda a honra!

Mas não disse!...

Adelaide
Feliza